

**Sobre o Real das ruas**

*Sergio Augusto Franco Fernandes<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB  
[sergioaffernandes@gmail.com](mailto:sergioaffernandes@gmail.com)

### Resumo

Tomando como exemplo as manifestações de rua ocorridas no Brasil, em junho de 2013, propomos uma reflexão acerca de diferentes modos de violência, buscando, por essa via, uma melhor compreensão acerca das responsabilidades sobre a face realmente violenta desses acontecimentos. Se, por um lado, as manifestações populares são acusadas de violentas, por outro, podemos compreendê-las como sendo reações a formas de violências constantemente sofridas, as quais não se costuma chamar por esse nome.

**Palavras-chave:** Capitalismo; Liberalismo; Real; Rede; Violência.

### Abstract

Taking the example of the street demonstrations that took place in Brazil in June 2013, we propose a reflection on different ways of violence, seeking, this way, a better understanding of the responsibilities of the really violent face of these developments. On one hand, the demonstrations are accused of violent, on the other, we can understand them as reactions to ways of constantly suffered violence, which is often not call by that name.

**Keywords:** Capitalism; Liberalism; Real; Network; Violence.

Chama-nos atenção, dentre uma série de acontecimentos hodiernos, a maneira pela qual a violência tem sido tratada/apresentada por grande parte da mídia, que tenta fazer-nos crer que os protagonistas desses episódios sejam sempre aqueles que, presencialmente ou pelas lentes das câmeras, assistimos atuar. Tentando ser mais claro: seriam essas pessoas, por exemplo, as responsáveis, realmente, pela face violenta das manifestações nas ruas? A nosso ver, tal consideração se apresenta, em certa medida, leviana, visto que, na nossa compreensão, é possível apresentarmos argumentos bastante plausíveis, que nos possibilitarão refletir, de forma mais clara e segura, acerca de uma outra dimensão dessa mesma questão, chegando a inverter o polo das responsabilidades. Se, por um lado, as manifestações populares são acusadas de violentas, por outro, podemos compreendê-las como sendo reações a formas de violências constantemente sofridas, as quais não se costuma chamar por esse nome. O problema, portanto, é que a ação de um grupo, o ato coletivo, a manifestação que materializa a revolta, é muito mais fácil de ser percebida e identificada. Vamos por partes.

A violência, evidentemente, pode ser pensada/problematizada a partir de uma gama de diferentes acontecimentos/referências. Dos ataques às torres gêmeas, em New York, no fatídico 11 de setembro de 2001, por exemplo, até as recentes manifestações ocorridas nas ruas, em diversas cidades do mundo. Observe-se que o “pano de fundo”, no que diz respeito à violência que aqui propomos discutir, serão as manifestações de rua que aconteceram sob a insígnia do movimento Ação Global dos Povos. Esse movimento ganhou notoriedade a partir do êxito obtido pelas suas ações contra a Organização Mundial do Comércio (OMC),

ocorridas no dia 30 de novembro de 1999, na cidade norte americana de Seattle. Vale lembrar que foi a partir do impacto político dessas ações, causado pelo eficaz bloqueio feito à chamada “rodada do milênio” da OMC, que vários grupos e indivíduos, em São Paulo e em diversas outras cidades do Brasil e do mundo, começaram a reproduzir e a generalizar o que havia acontecido em Seattle.

Sabemos que alguns fatores foram determinantes para os acontecimentos que levaram milhares de cidadãos do mundo às ruas, motivados, obviamente, por uma insatisfação generalizada. Tomaremos como ponto de partida para nossas reflexões, a rejeição ao sistema liberal-capitalista<sup>2</sup>, suposto fundamento desses acontecimentos. O “maio de 68” teria sido, portanto, seu marco. É notório que a maioria das pessoas, hoje em dia, aceita o capitalismo liberal-democrático como sendo a fórmula salvadora, aquela que representa o melhor modelo de sociedade possível, onde se é permitido viver de forma justa e tolerante. Seria essa, de acordo com Slavoj Zizek, a utopia liberal<sup>3</sup>. De acordo com o pensador esloveno, o liberalismo se concebe como “a política do menos pior”, sendo esse o seu paradoxo fundamental. O famoso comentário de Winston Churchill sobre a democracia coloca mais peso ainda sobre o liberalismo; o comentário diz o seguinte: a democracia é o pior entre todos os sistemas políticos, mas o grande problema é que todos os outros conseguem ser ainda piores...

Em uma das suas contumazes críticas ao liberalismo, Zizek questiona a reprodução indefinida do modelo capitalista, ou seja, a sua naturalização, visto que, no seu entendimento, tal modelo não tem como lidar com os importantes antagonismos que lhe são inerentes. Muito interessante esse paradoxo básico do liberalismo, apresentado por Zizek. Ele faz referência ao livro *The Shock Doctrine*, escrito por uma jornalista canadense, Naomi Klein, que, de acordo com ele próprio, o ajudou a responder essa questão. Vale ressaltar que esse livro, considerado excessivamente virulento, foi duramente criticado. Conforme a jornalista<sup>4</sup>, a história do livre-mercado, na contemporaneidade, foi escrita por momentos de “choque”, onde os regimes antidemocráticos teriam agenciado algumas das mais infames violações aos direitos humanos nos últimos 35 anos, promovendo atos sádicos, com a intenção deliberada de aterrorizar o povo ou prepará-los para o início de reformas radicais de livre-mercado.

---

<sup>2</sup> Sabemos que liberalismo e capitalismo não são a mesma coisa, embora sejam confundidos historicamente. Não é o nosso intento adentrar numa discussão acerca das suas peculiaridades. De forma geral e simplória, o capitalismo seria o sistema econômico e, o liberalismo, o conjunto de doutrinas que deve garantir o seu funcionamento e a proteção dos seus princípios.

<sup>3</sup> ZIZEK, “A utopia liberal”, p. 52.

<sup>4</sup> KLEIN, apud ZIZEK, “A utopia liberal”, p. 45.

É sabido que existe uma ideia reguladora que se faz presente em todo livre-mercado e, conseqüentemente, em toda justiça liberal global. Essa justiça trouxe à tona os crimes coletivos cometidos no passado, juntamente com a ideia politicamente correta de reparar legalmente as conseqüências que foram deixadas. Quanto a isso, diz Zizek o seguinte:

Isso é a verdadeira utopia, a ideia de que uma ordem legal pode ressarcir as vítimas de seus crimes fundadores, assim se limpando retroativamente de sua culpa, e reconquistar sua inocência. O que está no fim do caminho é a utopia ecológica de a humanidade toda pagando sua dívida com a Natureza por sua exploração passada.<sup>5</sup>

Não é difícil nos darmos conta de que existe um problema inerente a essa perspectiva liberal: ela não tem como se manter por si só, haja vista que vai depender sempre de uma forma anterior de socialização. E na troca social, baseada no mercado, o seu jogo é, quase sempre, assimétrico. Interessante é que essa assimetria do jogo é percebida por Zizek como sendo condição *a-priori* para que cada indivíduo possa “jogar”, ou seja, participar do jogo social das trocas simbólicas, depositando sua confiança na palavra. Aos olhos do pensador esloveno – e aos nossos próprios – o mercado está diretamente relacionado ao campo da trapaça e da mentira, o que nos remete a um dizer do psicanalista Jacques Lacan, que afirmou o seguinte: para que uma mentira tenha êxito, é necessário que, de antemão, já tenha se estabelecido como verdade. Para ilustrar essa colocação, Zizek, muito habilmente, nos remete ao jogo da troca recíproca de presentes; ressalta que um presente, por definição, é um ato generoso, algo que é dado sem se esperar um “outro algo” de volta. Difere bem da troca, que, por definição, deve ser recíproca. Evidentemente que Zizek está se referindo, mais especificamente, ao engodo, ou mesmo à hipocrisia que se faz presente nesse jogo. Então, ele questiona:

(...) se o segredo central do *potlach* (troca de presentes) é reciprocidade, por que não é afirmada diretamente, por que assume a forma “mistificada” de dois atos consecutivos, cada um dos quais encenado como uma demonstração livre e voluntária de generosidade?<sup>6</sup>

Seja pela questão do presente que se dá de forma generosa, seja pela troca, que exige reciprocidade, estamos, todos, uns aos outros, vinculados em função de uma dívida simbólica. Esse mecanismo é muito bem “captado” pelo pensador esloveno, que o coloca como pressuposto de todo liberalismo. Se estamos todos ligados, vinculados em função da dívida, o dinheiro se define como um meio pelo qual podemos ter algum contato com as pessoas, sem, necessariamente, termos, de fato, algum tipo de relação com elas. No liberalismo, desde seu

---

<sup>5</sup> ZIZEK, “A utopia liberal”, p. 56.

<sup>6</sup> ZIZEK, “A utopia liberal”, p. 56-57.

surgimento, se constata uma tensão entre a liberdade do indivíduo, de um lado, e os mecanismos reguladores que tentam manter a ordem pública, do outro. Como indivíduos, somos livres; como multidão, reles peças de uma máquina, simples engrenagens...

E, por falar em liberdade, batendo de frente com os tais mecanismos reguladores, nada mais adequado, nesse momento, do que discorrer acerca das exitosas investidas do movimento Ação Global dos Povos, que experimentou, nas ruas, a repressão/opressão do sistema liberal-capitalista. Fez-se então valer, nesses acontecimentos, a máxima “violência gera violência”, sendo que, na perspectiva aqui adotada, estaremos fazendo referência a modos distintos de violência, como observaremos mais adiante. A questão, agora, é a seguinte: quais os fatores que possibilitaram tanta notoriedade às ações desse movimento, e o que poderia justificar algum tipo de êxito, numa luta, a princípio, desigual, entre o gigante liberal-capitalista e um anão com tendências libertárias?

Em São Paulo, esse movimento foi formado casualmente pela confluência de duas vertentes do movimento social libertário, a saber, o movimento estudantil independente e autogestionário e o movimento anarquista propriamente dito, atraídos pelos sedutores acontecimentos, anteriormente anunciados, de Seattle. Não sabemos, ao certo, qual ou quais as origens do movimento, contudo, sabemos que a sua vertente mais radical se inspirou na revolta zapatista, em 1994, no México, e na articulação dos dias de ação global, em 1998. Os zapatistas promoveram diversos encontros, dentre os quais dois mereceram o devido destaque: um, denominado “intergalácticos” e, o outro, “pela humanidade e contra o neoliberalismo”, encontros esses que terminaram por engendrar a articulação de diversos movimentos sociais de base, dando origem a Ação Global dos Povos; mais que um movimento, podemos considerá-lo uma rede permanente de comunicação e mobilização.

Após encontro bem sucedido, em Genebra, na Suíça, em 1998, o movimento resolveu focar numa ideia simples e, ao mesmo tempo, ousada, com o intuito de colocar em prática diversas estratégias que pudessem promover os dias de ação global. Com a internet ficando mais barata e dinâmica, a ideia era explorar as novas mídias, mobilizando, ao mesmo tempo, em várias localidades distintas, movimentos sociais que se opunham às instituições que promoviam o neoliberalismo. Cerca de cinco meses após o acontecimento em Seattle (novembro/1999), mais precisamente em maio de 2000, formou-se, em São Paulo, uma coalizão de indivíduos e grupos, inspirados pelas ações do referido movimento.

Em São Paulo, foi feito um esforço muito grande para mobilizar os movimentos sociais mais amplos, tentando restringir a participação de partidos políticos, visto que,

historicamente, os partidos sempre tentaram aparelhar ideologicamente os movimentos aos quais se vinculavam. Passado algum tempo, já havia um perfil esboçado em relação ao núcleo de ativistas que faziam parte da organização: membros de grupos contraculturais, socialistas libertários, membros de movimentos estudantis independentes, ecologistas radicais e jovens dos movimentos feministas e gay. Logo se imprimiu uma identidade mais “libertária” ao movimento, com a consolidação dos encontros e das ações. Uma ideia com relativo grau de sucesso foi posta em prática, com o intuito de agregar as instituições de esquerda, historicamente sempre prontas e dispostas a manipular, aparelhar, burocratizar e agir autoritariamente. A ideia era formar grupos distintos, uns cumprindo certas exigências da esquerda institucional, outros com tendências mais autônomas, mais libertárias. Aos poucos, se ia “contaminando” os blocos de esquerda com práticas mais libertárias. Havia, por parte dos grupos com essa tendência, um esforço deliberado e consciente, cujo intuito era organizar trabalhos em parceria com a esquerda institucional para, aos poucos, seduzi-la com sua forma libertária de fazer política. O uso das redes sociais teria sido uma das características mais distintivas do movimento. Souberam se organizar por rede, porém, de forma distinta das organizações tradicionais. Quanto a esse funcionamento diferenciado, Pablo Ortellado nos diz o seguinte:

A forma de funcionamento da rede é bastante diferente. Redes não são organismos com uma estrutura organizacional definida ou com posições uniformes – elas são flexíveis, fluidas, plurais e descentralizadas. Redes são uma forma relativamente nova de associação, na qual as “partes” (que podem ser indivíduos, organizações ou mesmo outras redes) se unem para perseguir objetivos específicos respeitando apenas princípios gerais acordados. Dessa forma, as redes permitem a convivência e o trabalho comum de grupos e indivíduos bastante diferentes, que não precisam sacrificar suas posições particulares para atuarem em conjunto. O que une aqueles que atuam na rede são apenas objetivos bem determinados e princípios gerais que restringem numa medida razoável a participação para que se mantenha uma mínima orientação política.<sup>7</sup>

Não restam dúvidas, a nosso ver, que, a forma de funcionamento da rede foi um diferencial. O seu caráter fluido e flexível foi, sem dúvida, outra característica diferenciada. Adquirindo diferentes formatos e composições, as redes não precisavam, a cada oportunidade, se desfazer e refazer. Se havia algum desentendimento pontual em um grupo, não havia necessidade de se abandonar a rede, bastando não colaborar com o referido ponto. Havia também aqueles que se interessavam simplesmente por uma ação específica, colaborando apenas com aquele ponto específico. O que percebemos, aí, é a presença do velho princípio anarquista da livre associação e a sua consequência lógica, a livre-dissociação. Apresentados,

---

<sup>7</sup> ORTELLAD; RYOK, *Estamos vencendo! Resistência global no Brasil*, p. 17.

mesmo que de forma sucinta, alguns recortes do que se manifestou por detrás dos recentes protestos nas ruas, podemos perceber, portanto, diferentemente daquilo que a maioria supunha, um relativo sucesso do movimento graças, justamente, a esse modelo diferenciado e eficaz de organização em rede.

E, certamente, não escapou aos olhos da mídia os acontecimentos mais duros, a violência da ação direta, dispositivo comum utilizado pelos anarquistas, caracterizado pelas investidas contra o “sistema”. Isso não quer dizer que toda ação direta deva ser violenta. É verdade que as táticas dos grupos que, nessas atuações, praticaram a ação direta, ao menos as de bloqueio de lugares estratégicos, foram consideradas sensacionais, levando-se em conta que cumpriram seus objetivos. É evidente que a repercussão na mídia e seu impacto sobre a população deveu-se, sobretudo, ao drama atribuído às imagens das batalhas nas ruas, juntamente com os comentários, na maioria das vezes, distorcidos, acerca dos acontecimentos. E, como de *praxe*, sempre, diante das ações mais violentas de determinados grupos, a reação, também violenta, dos “guardiães” da ordem pública. Vale, aqui, uma breve, mas significativa citação do velho Sigmund Freud, retirada de um texto centenário, entretanto, bastante atual:

E não se objete que o Estado não pode renunciar ao uso da injustiça porque desse modo estaria em desvantagem. Também para o indivíduo a observância das normas morais, a renúncia ao exercício brutal do poder é algo geralmente bem desvantajoso, e raras vezes o Estado se mostra capaz de compensar o cidadão pelo sacrifício que dele exigiu.<sup>8</sup>

É lugar comum rotular de violentas as manifestações populares, todavia, a maioria das pessoas não se dá conta de que, geralmente, esses protestos se configuram apenas como reações a uma forma de violência constantemente sofrida, que não se costuma designar como tal. Com o intuito de esclarecer os diferentes modos de violência, Zizek busca traçar os seus aspectos objetivos e subjetivos, seja pela sua expressão invisível, seja pela visível. Ele nos diz o seguinte: “Aqui, estamos falando sobre a violência inerente a um sistema: não só da violência física ou direta, mas também das formas mais sutis de coerção que sustentam as relações de dominação e de exploração, incluindo a ameaça de violência.”<sup>9</sup> Dados alguns diferentes modos de violência – subjetiva, objetiva e simbólica – o que se tem a aprender é que devemos resistir ao fascínio exercido pela violência subjetiva, praticada, principalmente, por agentes sociais, responsáveis pela sua maior visibilidade. Isto quer dizer que a violência subjetiva se caracteriza, simplesmente, pelo fato de ser a mais visível.

---

<sup>8</sup> FREUD, “Considerações atuais sobre a guerra e a morte”, p. 217.

<sup>9</sup> ZIZEK, *Violência. Seis reflexões laterais*, p. 23-24.

De acordo com o pensador esloveno, a maior preocupação da atitude liberal tolerante, ainda predominante, é fazer oposição a todas as formas de violência, seja à violência física e direta, seja à violência ideológica. Nesse sentido, o que realmente importa é acabar com a violência, mudar de assunto... E quanto à noção de violência objetiva, essa teria mudado de cara com o desenvolvimento do capitalismo. Zizek discorda da ideia de que o capital seja uma abstração ideológica, visto que, por detrás dessa abstração, devemos considerar a existência de objetos naturais e pessoas de verdade. Essa abstração, além de qualquer ideologia, não deve jamais ser desprezada, devendo ser considerada “real”, já que é ela que determina a composição dos processos sociais materiais, muitas vezes decidindo, pelo movimento especulativa do próprio capital, o destino de parcelas significativas da população, sempre buscando atingir metas excessivamente lucrativas, indiferente à realidade social. De acordo com Zizek,

(...) é a dança metafísica autopropulsiva do capital que dirige o espetáculo, que fornece a chave dos desenvolvimentos e das catástrofes que têm lugar na vida real. É aí que reside a violência sistêmica fundamental do capitalismo, muito mais estranhamente inquietante do que qualquer forma pré-capitalista direta de violência social e ideológica: essa violência não pode ser atribuída a indivíduos concretos e às suas “más” intenções, mas é puramente “objetiva”, sistêmica, anônima.<sup>10</sup>

A partir do que foi dito, é possível estabelecer, mesmo que de maneira superficial, a distinção lacaniana entre o Real e a realidade. A “realidade” seria a realidade social das pessoas, implicadas com o processo produtivo de uma sociedade, enquanto que o Real seria a irremediável e confusa lógica espectral do capital, que influencia e determina os acontecimentos que se configuram na esfera social. Isso quer dizer o seguinte: a realidade não conta, não tem valor, o que importa é a situação do capital. Tentemos entender. Sabemos que Lacan identifica o Real juntamente com outras duas dimensões fundamentais do nosso psiquismo, a saber, o Simbólico e o Imaginário, constituindo, assim, a estrutura triádica ou borromeana de todo ser. O próprio Lacan afirma, em seu seminário sobre *Os escritos técnicos de Freud*, que RSI (Real/Simbólico/Imaginário) são “(...) categorias elementares sem as quais não podemos distinguir nada da nossa experiência.”<sup>11</sup>

Nessa perspectiva, o Real, em contraste com o Simbólico e o Imaginário, não pertence à ordem da significação; o simbólico, por sua vez, é inaugurado pela aquisição da linguagem pelo homem; já, o imaginário, vai se encontrar sempre situado ao nível da relação do sujeito consigo mesmo. O Real seria, justamente, aquilo que nega toda significação, que não tem como ser incorporado a essa ordem. Ele insiste, persiste, como uma dimensão eterna da falta.

---

<sup>10</sup> ZIZEK, *Violência. Seis reflexões laterais*, p. 25-26.

<sup>11</sup> LACAN, *O seminário, livro 1. Os escritos técnicos de Freud*, p. 308.

É como se toda construção simbólico-imaginária existisse apenas como resposta histórica a essa falta fundamental. O curioso é que, ao mesmo tempo em que o Real funciona de modo a impor limites de negação a toda ordem significativa, concomitantemente serve para constituir essa mesma ordem. Sendo assim, o Real se mostra inerente a toda e qualquer significação. Se, por definição, não é possível representar de forma direta o Real, ao menos é possível fazer alusões a ele a partir de determinadas representações. Para Lacan, o Real não é impossível, no sentido de jamais vir a acontecer. Não devemos tomá-lo como sendo um núcleo traumático que sempre escorrega, que sempre escapa à nossa apreensão. Ao contrário, na interpretação de Žižek, o problema do Real não é que ele seja impossível, mas, sim, que o impossível é o Real. Diz ele o seguinte:

Um trauma ou um ato é simplesmente o ponto em que o Real acontece, e isso é difícil de aceitar. Lacan não é um poeta que nos diga que o Real sempre nos escapa – é sempre o inverso, no Lacan final. A questão é que *podemos* encontrar o Real, e é isso que é muito difícil de aceitar.<sup>12</sup>

Falando com clareza, Žižek afirma a impossibilidade do Real, porém, não uma impossibilidade simplesmente no sentido de um encontro faltoso; o Real também é impossível, na medida em que é, também, um encontro traumático que, verdadeiramente, acontece, porém, somos incapazes de enfrentá-lo. Para o pensador esloveno, uma das estratégias para evitar o enfrentamento seria situá-lo como sendo um ideal indefinido, sempre adiado: “Um dos aspectos do Real é que ele é impossível, mas o outro é que ele acontece, embora seja impossível de manter, impossível de integrar. E esse segundo aspecto, creio eu, é cada vez mais crucial.”<sup>13</sup> Žižek se refere ao momento último e definidor do século XX como sendo a experiência direta do Real como o oposto da realidade social do nosso dia a dia, ou seja, o Real apresentado em sua violência radical. Esse, então, seria o preço a ser pago em função da retirada das camadas encobridoras que falseiam a nossa realidade.

Para finalizar, remetamo-nos a um exemplo próximo. A eclosão violenta e surpreendente das manifestações nas ruas do Brasil, em 2013, tal como se deu, funcionou como um choque de realidade, ao romper o véu ideológico e nos lançar, de forma abrupta, no “deserto do Real”. O que isso quer dizer? Quer dizer que houve uma autêntica “intrusão” do Real, que provocou um enorme “furo” na nossa ordem sócio-simbólica. Esse Real que retorna, que nos afeta exatamente por ser real em razão do seu caráter traumático e excessivo, termina por não ser integrado a nossa realidade, forçando-nos a senti-lo como um “pesadelo

---

<sup>12</sup> DALY; ŽIZEK, *Arriscar o impossível. Conversas com Žižek*, p. 89.

<sup>13</sup> DALY; ŽIZEK, *Arriscar o impossível. Conversas com Žižek*, p. 91.

fantástico”, como bem nos disse Zizek<sup>14</sup>. A irrupção violenta das manifestações de rua nos apresentaram modos distintos de violência, desencadeando, por um lado, uma violência direta, incorporada pela polícia e seu batalhão de choque e, por outro, uma violência eminentemente simbólica. O que assistimos pelos noticiários, nos mostrava, nitidamente, uma separação entre os grupos supostamente “saudáveis” de manifestantes que, “educadamente”, apresentavam seus descontentamentos e, outro, formado por uma minoria de “baderneiros” que, agindo de forma violenta, desconstruíam a ilusão de uma manifestação pacífica. Note-se que essa operação ideológica, apoiada pela mídia corporativa, sempre serviu para justificar a brutalidade da violência policial, direcionada e aplicada contra os manifestantes, com o falso intuito de defendê-los. De forma irônica, Mauro Iasi nos diz o seguinte:

As manifestações seriam legítimas, mas estariam sendo desvirtuadas pelo uso da violência por parte de alguns. A dissecação do real produz, de um lado, ‘cidadãos’ que exatamente pelo sucesso do atual governo seriam levados a pedir mais e, de outro, “vândalos” e “baderneiros” que, ao lançar mão da violência contra pessoas e o patrimônio público e privado, podem e devem ser contidos pela força<sup>15</sup>.

Certamente, não é difícil perceber que o significativo que aí se destaca é a violência. É ela que separa, para o senso comum, os “verdadeiros” manifestantes, dos “vândalos”. Nessa perspectiva, os adeptos das táticas *black bloc* serviram como “bodes expiatórios”: roupas pretas, capuz, escudos com símbolos, máscaras antigas e óculos. Estavam, portanto, “denunciados” os transgressores... Aqui, cabe aplicar uma passagem de Zizek, levemente modificada, que diz respeito às consequências dos tumultos nas ruas; esses transgressores, se perguntados: “Não foram vocês que fizeram isto? É isto que vocês querem?” Deveriam, então, responder: “Não, foram vocês que fizeram isto! Este é o verdadeiro resultado da *sua* política!”<sup>16</sup> Por fim, o sistema encontrou o inimigo, “legítimo” representante da violência e, não, das reivindicações. Ironias à parte, aí fica claro como todo discurso ideológico costuma operar uma inversão de valores, quando produz um certo tipo de ocultamento, que impede que se compreenda melhor o Real.

---

<sup>14</sup> ZIZEK, *Bem vindo ao deserto do Real: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas*, p. 33.

<sup>15</sup> IASI, “Violência, esta velha parteira: um samba-enredo”, p. 173.

<sup>16</sup> ZIZEK, *Violência. Seis reflexões laterais*, p. 24-25.

## Referências

DALY, Glyn; ZIZEK, Slavoj. *Arriscar o impossível*. Conversas com Zizek. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FREUD, Sigmund. “Considerações atuais sobre a guerra e a morte” (1915). In: *Obras Completas*, volume 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

IASI, Mauro. “Violência, esta velha parteira: um samba-enredo”. Posfácio. In: ZIZEK, Slavoj. *Violência. Seis reflexões laterais*. Tradução de Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 1, Os escritos técnicos de Freud*. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro, JZE, 1993.

ORTELLADO, Pablo; RYOKI, André. *Estamos vencendo! Resistência global no Brasil*. São Paulo: Conrad, 2004.

ZIZEK, Slavoj. “A utopia liberal”. Tradução de João Alexandre Peschanski. In: *Margem Esquerda – ensaios marxistas n° 12*. São Paulo: Boitempo, 2008.

\_\_\_\_\_. *Bem-vindo ao deserto do Real: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas*. Tradução de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. *Violência. Seis reflexões laterais*. Tradução de Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.